

Entrevista com Patrícia Campos Mello, a premiada jornalista que expôs a compra de mensagens no WhatsApp na Eleição Presidencial Brasileira de 2018

No ano passado, em um post intitulado [“Zap Zap. Who’s There? WhatsApp and the Spread of Fake News During the 2018 Elections in Brazil”](#), discutimos como o WhatsApp influenciou as eleições brasileiras, em meio a relatos de desinformação e compra de mensagens. Desde então, temos pesquisado como o WhatsApp tem sido usado no Brasil nos últimos anos para um artigo de pesquisa (co-escrito por Gabriel Pereira, Iago Bojczuk e Prof. Lisa Parks). Entrevistamos a jornalista brasileira Patrícia Campos Mello sobre suas experiências investigando o WhatsApp nas eleições brasileiras para entender melhor como a influência do WhatsApp foi percebida e seus efeitos.

Patrícia Campos Mello é uma premiada jornalista brasileira, colunista e repórter da Folha de São Paulo. Em 2018, ela se tornou conhecida em todo o Brasil por suas reportagens sobre compra de mensagens ilegais por apoiadores do então candidato à presidência do Brasil, Jair Bolsonaro. Em 18 de outubro de 2018, o escândalo veio à tona através da sua reportagem intitulada [“Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp”](#). Sua investigação, que englobou vários artigos, tornou-se um tema importante nas eleições, sendo abordada por candidatos presidenciais, pela mídia nacional e internacional, e tendo efeitos diretos no processo eleitoral. Várias investigações sobre o WhatsApp ainda estão em andamento em cortes federais e estaduais. Desde então, Patrícia sofreu assédio através de mensagens de ódio e notícias falsas na Internet, além de processos judiciais por parte das partes investigadas.

Gabriel Pereira: Antes mesmo das eleições de 2018 começarem, já havia uma sensação de que seriam as eleições em que o WhatsApp teria um grande papel no processo eleitoral. Você já havia acompanhando o uso do WhatsApp nas eleições?

Patrícia Campos Mello: Eu cubro mais a área internacional, mas por acaso eu tinha um interesse específico porque eu cobri em 2014 as eleições na Índia e foi uma das primeiras grandes eleições de redes sociais, o Modi com a coisa do Twitter. Lá o WhatsApp tem o

maior uso, maior número de usuários, e tudo mais. Depois eu cobri a eleição do Trump nos Estados Unidos... e foi quando emergiu a história dos fake news. Primeiro na acepção original do termo e depois na acepção que ele dá ao termo. E lá não era o WhatsApp porque lá eles não têm WhatsApp, é só latino que tem WhatsApp... eles usam text message (SMS). E depois aconteceu a eleição no Brasil. E começaram a sair algumas matérias, na BBC Brasil sobre *troll farms*. Não era exatamente isso, mas eles deram algumas matérias. A gente estava acompanhando essa coisa dos grupos *bolsonaristas*. Porque o grupo *bolsonarista* não apareceu de um dia para o outro. Principalmente o Carlos [Bolsonaro], eles vieram cevando isso ao longo de dois anos, um ano... O Pablo Ortellado, acho que tem mais [pesquisas sobre isto]¹. Então, quando falaram para eu dar uma olhada, eu tinha acabado de fazer uma outra matéria na TV sobre um remédio genérico de hepatite C, e falaram... Dá uma olhada aí no WhatsApp e vê o que que a gente consegue descobrir mais. E então eu comecei a investigar. Fiquei três semanas investigando, falando... eu falei com muita gente.

GP: Você pode contar um pouco mais sobre o qual foi o processo por trás das cortinas dessa notícia, como vocês chegaram lá, como isso se desenvolveu?

PCM: A pesquisa foi: eu falei com dezenas de pessoas. Quem que são as fontes que deram troca de mensagens, e depoimentos, etc? As fontes em off: dono de agência de marketing, cliente de agência de marketing, ex-funcionário de agência de marketing, e funcionário de agência de marketing. Então essas pessoas que estavam lidando com isso... e elas tinham todo esse conhecimento, elas atendiam os clientes, elas estavam agilizando o negócio... E as agências diziam: Olha, nós não podemos atender porque a gente está lotado de trabalho que fizeram uma encomenda gigante de disparos para a semana anterior à eleição de disparos contra o PT. Tem as frases até: “vamos limpar o país”... De novo, não acho que foi só o pessoal do Bolsonaro que fez isso. Acho que... Aliás, eu sei que o pessoal do PT contratou, inclusive por que está declarado, né, nas declarações à TSE. Mas o que era diferente é essa coisa dos empresários

¹ GP: O [Projeto Monitor do debate político no meio digital](#) do Prof. Pablo Ortellado e colegas tem uma série de publicações e relatórios, em português, sobre o assunto. Também importante foi o op-ed escrito por Cristina Tardáguila, Fabrício Benevenuto e Pablo Ortellado para o [New York Times](#).

GP: Eu tenho uma dúvida aí... mas esse então é um caso que não é um caso especificamente sobre fake news, our desinformação. Mas sim sobre a quebra da lei de financiamento da campanha?

PCM: Essencialmente são algumas coisas. No Brasil é proibido você usar disparo automatizado de mensagens. E eles usaram. Eu fiz uma matéria depois que mostrava basicamente como é que funcionava isso... é uma coisa bem tosca. Os caras vão na Santa Ifigênia, compram uma lista de CPFs. Tem um monte de gente, mão de obra barata contratada, numa agência de marketing fazendo um disparo². Eles não sabem nem o que eles estão disparando, essas pessoas. E quando eu fiz a matéria em nenhum momento está dito que estavam espalhando fake news. Porque eu não sei disso.

Agora, por exemplo, o WhatsApp teria todas as condições [de entender melhor a situação]. Logo depois da matéria eu entrevistei o WhatsApp. O WhatsApp banuiu as contas das agências, tá?³ Primeiro que eles não sabem quais são as contas das agências. Porque isso é uma fábrica de chips. Como é que você vai comprovar que você banuiu todas as contas das agências? Como é que você vai saber quais números estão relacionados a cada agência? Eu perguntei isso, eles não conseguiram me explicar. Eu acho que eles não conseguem, tá?

Segundo, o que eles sim conseguiriam é: eles baniram contas relacionadas (as que eles acharam) a quatro agências citadas na matéria. Então eu perguntei assim: Para isso, você teve que detectar algum tipo de comportamento anormal... Você tem algum tipo de “trigger” [gatilho]? Seja alguém reclamando de spam, seja mandar X mensagens em X segundos. E aí vocês detectam que isso provavelmente é automatizado. Aí eu pedi pra eles assim: A única coisa que eu quero de vocês, e eu não estou pedindo nenhuma quebra de sigilo, nenhumacriptografia, é o número de mensagens enviadas. Nós sabemos quanto custa por disparo e então, com isso, você pode simplesmente mostrar que não está na declaração. Que não foi declarado [ao TSE]. A gente sabe: eles baniram as agências, eles sabem que as agências

² GP: Mais detalhes desta investigação podem ser lidos na matéria escrita por Artur Rodrigues e Patrícia Campos Mello: "[Fraude com CPF viabilizou disparo de mensagens de WhatsApp na eleição](#)".

³ GP: Mais detalhes sobre o banimento das contas pelo WhatsApp, além de outros documentos sobre a compra de mensagens podem ser lidos em: "[Documento confirma oferta ilegal de mensagens por WhatsApp na eleição](#)".

estavam fazendo isto, certo? Se não eles não iriam banir... Se baniram a agência, foi porque detectaram um comportamento anormal. O que que “triggered” [causou] essa detecção? O que que é o alarme? Então você tem que saber quantas mensagens foram enviadas.

A gente sabe exatamente, a gente tem cópia de contrato, de quanto custa cada mensagem enviada... Então era muito fácil. Só que o WhatsApp não [respondeu]... Aliás, o comportamento das mídias, desses grandes... o Facebook era "disingenuous" [dissimulado/insincero]. Um dos pedidos do STF, do Barroso, era assim, querendo saber sobre impulsionamentos feitos no WhatsApp, no Facebook, e tudo mais.⁴ No WhatsApp, é óbvio que você não ia saber isso, porque quem é contratado não é WhatsApp, mas são as agências de marketing que prestam esses serviços. Mas no Facebook, o Luciano Hang já tinha sido multado pelo TSE por "sponsored content" [impulsioneamento de conteúdo] a favor do Bolsonaro sem declarar.⁵ Quando o Barroso pediu isso para o WhatsApp, Twitter, etc, o Facebook não colocou isso. O Facebook respondeu: "Não, a campanha de Bolsonaro não pagou a gente". Mas é claro que não é isso que a gente tá falando, a gente tá falando que tem gente que está patrocinando o conteúdo pró-bolsonaro (eventualmente podiam fazer isso pro PT, mas no caso não era). Isso é uma doação não declarada de campanha. Agora, em nenhum lugar apareceu esse impulsionamento do Luciano Hang na declaração pro TSE do Bolsonaro. O Facebook não relatou isso, sendo que o TSE multou os caras. Agora, isto é um problema de legislação eleitoral porque, em tese, você pode ter vários empresários pagando impulsionamentos para candidatos e os candidatos alegarem que não sabiam de nada.

No caso, o Facebook pode controlar isso, eles sabem o que é conteúdo político e o que não é. Eles sabem o que vendem, certo? Eles sabem que eles venderam para o Luciano Hang fazer propaganda para o Bolsonaro. Isso não foi declarado. No caso do WhatsApp, é mais complicado. Não é o WhatsApp que recebe, são agências de marketing que são contratadas para fazer isso.

⁴ GP: Mais informações sobre o pedido do ministro Barroso: ["Barroso manda gigantes da internet responderem sobre disparos pró-Bolsonaro"](#).

⁵ GP: Mais informações sobre a multa recebida por Luciano Hang, do site do TSE: ["Empresário é multado por contratar Facebook para impulsionar conteúdos"](#)

GP: Para que a gente entenda muito precisamente, eu tenho uma dúvida. Como é que mensagens recebidas de alguém que você não conhece podem ter algum efeito?

PCM: Exato! Eu fico pensando: deve ser muito pouco eficiente... é que nem você receber mailing de spam. Só que o problema é que não é só assim que eles fazem. Eles fazem isso em grupos. Eles disseminam em grupos, e quando você está recebendo isso no grupo. Aí tem um peso maior, entendeu? Porque aí isso vai de um grupo para o outro. “Eu recebi num grupo”, etc. Esses grupos são fechados. Agora e aí você tem pesquisadores como o Miguel Freitas, que é da PUC do Rio que fez um levantamento. Ele mostra, inclusive, quantas vezes cada mensagem foi enviada, num intervalo de X tempo, entendeu? Que são indícios de comportamento automatizado.⁶

GP: Eu acho que pra mim uma das grandes questões é que ninguém sabe como lidar com a coisa como um todo.

PCM: É uma terra de ninguém. Quando o Zuckerberg anunciou agora que eles vão fazer tudo com privacidade entre mensagens, criptografadas. É a pior coisa do mundo, que é o WhatsApp. Você não sabe o que acontece lá dentro. São centenas de grupos, privados, fechados. E aí você tem pessoas bombando mensagens de desinformação dentro do grupo. Com a ajuda de sistemas automatizados. Que não são nada muito sofisticados. E aí você consegue disparar isso, e você tem muitos grupos.... O que me parece é: de fato os caras tem uma coisa de seguidores digitais muito forte. E eles têm bots e trolls que inflacionam isto. Inclusive para montar narrativas.⁷ E isso é muito claro, sempre. Mas o negócio do WhatsApp... De fato, o grupo é fechado. É criptografado. (...) A gente tem que ter gente que entendem de ciência da computação, para "track these people" [rastrear essas pessoas]. Por que se não, isso é uma coisa completamente impune. Que você fala assim: ah, o grupo é fechado, é criptografado, e esses negócios se geram aleatoriamente. Então você senta e

⁶ GP: Para mais informações sobre a pesquisa de Miguel Freitas, ver ["Relatório enviado à PF sugere caminho para rastrear fake news"](#). Pesquisadores do ITS-Rio também mostraram o uso automatizado através de análises: ["Poder Computacional: Automação no uso do WhatsApp nas Eleições"](#).

⁷ GP: O talvez mais infame caso de uso de bots nas eleições de 2018 foi quando bots a favor de Bolsonaro responderam a postagens da Folha no Twitter que continham a palavra "bolovo", por ter similaridade ao nome do candidato: ["Folha publica palavras 'bolso' e 'bolovo' no Twitter e respostas sugerem ação de robôs pró-Bolsonaro"](#)

espera... Assim, não é possível! Deve ter gente estudando, gente com conhecimento técnico.⁸ Coisa que eu não tenho... nem o jornalista, nem o STF... pra meio que ver como podemos resolver!

GP: Que loucura que essa história toda... Porque o impacto dessa notícia original foi muito grande, né? E meio que dominou muito a discussão nas eleições. Como foi este impacto para você?

PCM: É que eu acho que assim... tem dois aspectos. Um é que todo mundo estava vendo a influência de WhatsApp de forma empírica, qualitativa e não quantitativa. Então, de repente, você tem uma matéria que dava algum tipo de luz sobre isso. Dois, o país estava muito polarizado. Há o Bolsonaro, e o entorno dele, que são muito hábeis em uso de mídias sociais. Muito. Então eles conseguiram acionar um exército de bots. Assim, surreal. Pra fazer revirar a minha vida, achar uma entrevista que eu dei em 2013 para uns estudantes da PUC que eu falo que eu sou de esquerda, entendeu? Eles viralizaram isso. E tem um monte de bots. Então acho que foi.... Foi por isso, tinha uma conjunção de fatores.

GP: E a gente tem conversado muito sobre a ideia do WhatsApp como algo quase inescapável no Brasil nos dias de hoje. Queria saber se você sentiu isso no seu processo de investigação, e em que parte dessa cadeia de comunicação, também nas campanhas eleitorais, o WhatsApp se inseriu.

PCM: Em 2014, você tinha gente que começou a fazer disparos em massa com SMS... Mensagens de texto. Faziam alguma coisinha com o WhatsApp, mas o WhatsApp tinha uma penetração muito menor. Eu acho, e você deve estar careca de saber, que no Brasil hoje o WhatsApp substituiu o telefone. As pessoas não pagam para ligar, entendeu? Simplesmente você usa o wi-fi e liga pelo WhatsApp. Você tem algumas pesquisas interessantes do Ibope e

⁸ GP: Além de outros projetos já citados nessas notas de rodapé, houve também o projeto de pesquisadores da UERJ, cujos resultados preliminares podem ser vistos em: "[Grupos pró-Bolsonaro no WhatsApp orquestram fake news e ataques pessoais na internet, diz pesquisa](#)"

do Datafolha. A porcentagem das pessoas que se informam pelo WhatsApp... é gigantesca, né?⁹

GP: Depois da matéria você foi ameaçada e teve diversas notícias falsas sobre você sendo compartilhadas na internet... Sobre a Folha, o Bolsonaro chegou a dizer que "por si só, a Folha se acabou". Como fica a profissão de jornalista em tempos desses, de discursos de ódio, de pós-verdades, e tudo isso?

PCM: Os jornalistas no Brasil vivem uma fase muito difícil, são hostilizados e intimidados constantemente nas redes sociais. O confronto com a mídia faz parte da estratégia de governo atual no Brasil. Mas, ao mesmo tempo, isso foi bom porque deixou evidente a importância do jornalismo independente em tempos de polarização e populismo. Eu sofri muitas ameaças nas redes sociais e por telefone, foi um período muito difícil, mas continuo fazendo meu trabalho.¹⁰

⁹ GP: Segundo [pesquisa Datafolha de 27/10/2018](#), 66% dos eleitores brasileiros tem conta no WhatsApp, 24% "compartilha notícias sobre política e eleições" no WhatsApp, e 46% "Lê notícias sobre política e eleições" no WhatsApp.

¹⁰ GP: Para ler mais sobre ameaças a jornalistas, sugerimos por exemplo o texto de Fernanda Canofre: "[Brazilian journalists face hacking, doxing and other threats as election draws near](#)". No fim de 2018, a Ombudsman da Folha, Paula Cesarino Costa, reconheceu diretamente que o "ambiente está carregado para os produtores de notícia": "[Agonia de grupo tradicional, violência e fraudes marcam ano difícil para jornalistas](#)".